

62 Dois homens, duas datas, unidos no simbolismo

Eliane Breitenbach

A morte de Tancredo Neves vem embuída, sem dúvida, de um forte simbolismo, pois o dia 21 de abril além de ser a data da inauguração de Brasília é também próxima ao nascimento de um país, o Brasil. A morte do já aclamado «mártir da democratização» faz com que Brasília viva, num período de menos de três meses, mais um momento de fortes emoções, onde a morte parece fundir-se com a vida, opor-

tunizando a vivência de novos tempos de liberdade para os brasileiros.

Um engarrafamento, provocado pelo tumulto que se formava em torno do carro fúnebre, próximo ao balão do aeroporto, fez com que as pessoas que aguardavam o cortejo ao longo do Eixo Rodoviário Sul tivessem que aguardar horas em baixo de um forte sol para que pudessem dar o seu adeus a Tancredo Neves. Cada um à sua maneira prestava homenagem, onde em uma das faixas podia se ler: «Adeus dr. Tancredo, o senhor continuará sendo nosso líder,

pois tem o mérito de ter nos unido em torno do bem comum».

A psicóloga e professora da Universidade de Brasília, Leda Barreiro, que estava entre as milhares de pessoas — e que coincidentemente nasceu no dia em que Tancredo nos deixa — para prestar sua homenagem ao presidente morto, afirma que no seu entender a morte se reflete sobre a vida. «Vida e morte são pólos complementares e não opostos. Acho que o povo brasileiro é um povo privilegiado, pois através destes fatos significativos — a

Elson Soares

morte de Tiradentes, Tancredo, a inauguração de Brasília terem ocorrido na mesma data — ele tem possibilidade de refletir também sobre a própria história. Acho que como Teotônio Vilela foi um destes profetas, observa ela, que vêm de tempos em tempos, representando a esperança, Tancredo nos deixa a imagem do homem digno. Já dizia São Francisco de Assis, santo da devoção de Tancredo Neves, que os homens santos, são os homens dignos».

«Acredito que hoje», ressalta Leda Barreiro, «estamos cada vez mais evoluin-

do para uma visão de síntese em todas as áreas, deixando para trás o maniqueísmo que nos dá a idéia de vida e morte, bem e mal, começo e fim. Estas afirmações se confirmavam nos olhares dos jovens que em suas velozes e possantes motos, simbolizavam os novos tempos e o desejo de cumprir os ideais democráticos da Nova República. Já os mais velhos traziam suas mensagens de fé, acenando seus lenços brancos de adeus àquele que representou a esperança de um final de vida mais digno para si e um alvorecer de uma Nova República para seus filhos».

Flávio Thadeu



O verde-louro e o lábaro estrelado abrigou e consolou seus filhos hoje um pouco órfãos



Uma intensa massa humana desde cedo se concentrava no viaduto à espera de Tancredo